

# Diversão & Arte

**Climério Ferreira** lança, na próxima terça-feira, no Beirute, a coletânea **Poemas reunidos**, com textos de seis livros esgotados

» SEVERINO FRANCISCO

Climério Ferreira poderia tomar emprestado os versos do poeta Zé Limeira da Paraíba e recitar: "Morri no ano passado/mas esse ano eu não morro". Depois de se submeter a um tratamento intensivo durante oito meses, ele venceu o câncer e publicou no Facebook: "Estou curado". E, para celebrar o renascimento, ainda sob a sombra do luto pela morte do irmão Clodo Ferreira, que nos deixou em julho, Climério lança, nesta terça-feira, no Beirute da 109 Sul, a coletânea *Poemas reunidos* (Fundação Quixote). Quem assina a apresentação é Clodo. A poesia de Climério é uma mistura desconcertante de quadrinha nordestina, hai kai piauiense, crítica social sutil e lirismo com sopro de música. Ele é o nosso Buda do Piauí, Buda candango: "Eu quero tudo o que tenho,/ só desejo o que posso,/E sou da minha idade,/ será isso a tal felicidade?"

A obra é uma coletânea de seis livros anteriores de Climério: *Memórias do Bar do Pedro & Outras Canções*, *Canto do retiro*, *A gente e a pantasma da gente*, *Poesia de quinta*, *Canções de amor e desespero* e *A música imóvel do tempo*. Os poemas foram escolhidos por Climério e pela esposa Heloísa. E, agora, finalmente, o poeta lança o livro no Beirute, em um ato de celebração da vida. Nesta entrevista, ele fala sobre múltiplos temas com olhar de poeta.

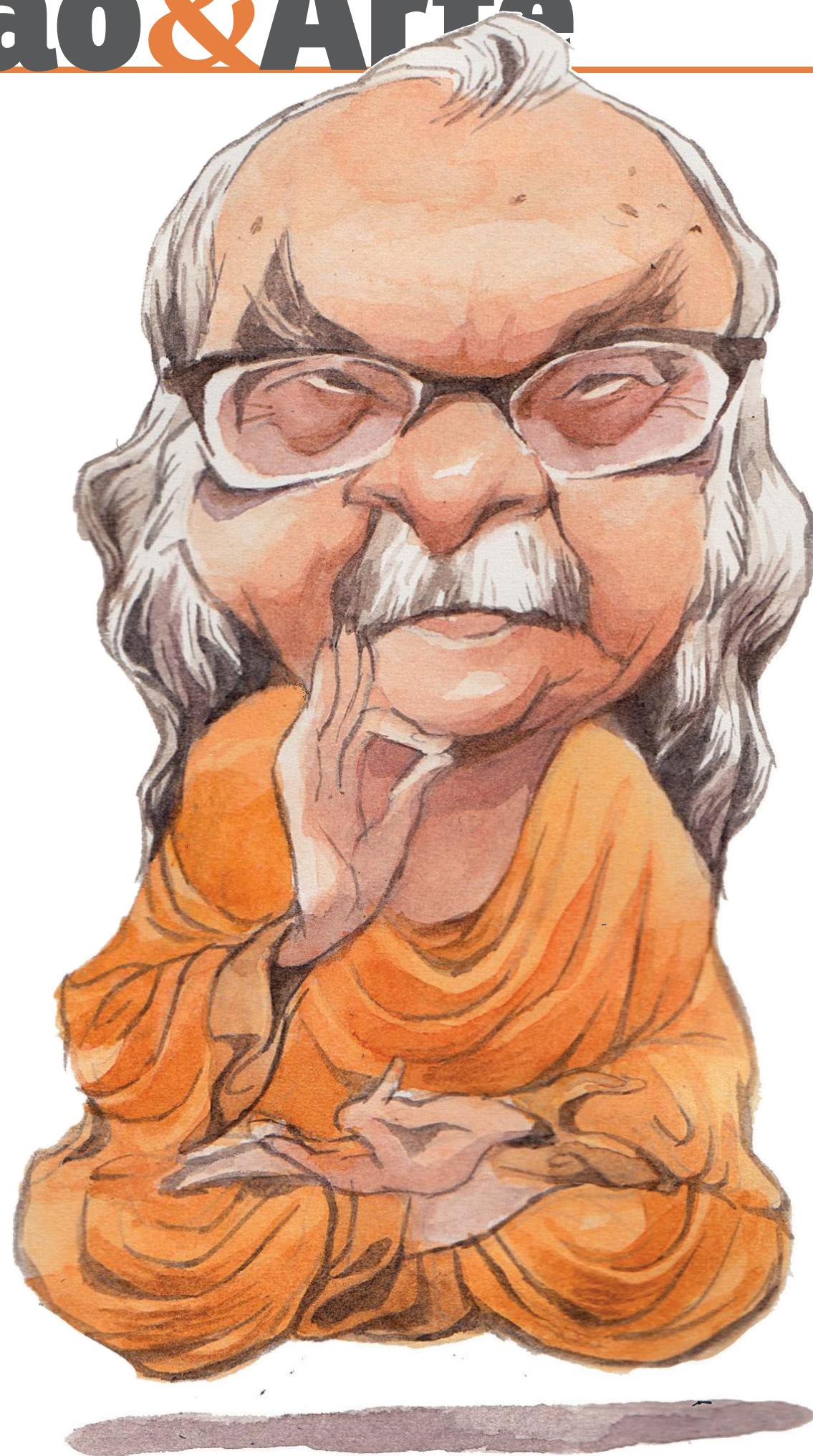
**Como se deu a sua iniciação à poesia? Em que momento você percebeu que poderia ser poeta?**

Aí, entra o poeta Cassiano Nunes, que foi meu professor na UnB. Dizia que eu escrevia bem. Quería que eu frequentasse as leituras poéticas em reuniões dos escritores da chamada geração de 1945. O que me indignava um pouco, inclusive. Naquele momento, eu via a geração de 1945 como uma reação esquisita ao modernismo. Não tinha muita emoção nos poemas, o que eles diziam. Naquela época, o *Correio Braziliense* publicava uma página dupla de poesia. Cassiano me publicou ali e me lançou como poeta. A partir dali, todos me chamavam de poeta e eu tive de assumir. Eu não tinha essa pretensão, gostava mesmo era de letra de música, essa era a atração poética de minha juventude.

**Você estava no Piauí ou em Brasília?**

Na verdade, a relação com a poesia na música começou no Piauí, sem muita consciência. A primeira vez foi o contato com as canções de Vinícius Moraes e Tom Jobim. E, ainda lá, descobri João Gilberto, que começava a lançar os compactos simples e duplos. Ouvia *Chega de saudade*, e achava maravilhoso. A Bossa Nova complicou mais ainda para mim no violão, não tinha mais vontade de tocar, parti para as letras. Depois, quando estava aqui, continuei a descoberta de Vinícius e dos novos parceiros da Bossa Nova. Aí, veio a Tropicália,

## O BUDA CANDANGO



### OS DO PIAUÍ

O querer piauiense às vezes é seco  
A fala é lenta, arrastada, preguiçosa

A rua em que moram é quase um beco  
E a frase, quando dita, é amorosa

A mansidão por um nada vira guerra  
As amizades são verdadeiros pactos

A paixão maior deles é pela terra  
Essas almas têm espinhos feito cactos

### NÃO QUERO SER SUA LEMBRANÇA

Evite sentir saudades de mim  
Não deixe que me perca de você  
Eu não gostaria de existir no seu passado  
pois nem sua lembrança eu quero ser  
Deixe meu sofrer ser seu presente  
Permita meu chorar em seu agora  
Não deixe que eu seja simplesmente  
um carinho que você mandou embora

### » CANÇÃO DE CLODO É REGRAVADA

A cantora Márcia Tuil e o arranjador Ricardo Nakamura lançaram, neste semana, uma nova versão de Meio-dia, canção composta por Fagner e Clodo Ferreira. E, para complementar o lançamento da canção, estará disponível nas redes sociais em 28 de outubro um videoclipe dirigido por Renan Belmiro. A regravação de Meio-dia e o clipe integram o projeto em homenagem ao legado de Clodo Ferreira e a celebração da música brasileira, por meio da união de artistas contemporâneos.

Caetano, Gil, a turma do Clube da Esquina, Fernando Brant, Lô Borges. A gente lia as letras nas publicações independentes. Era uma geração maravilhosa que teve muita atração para a gente.

**Você se reconhece pelo sentido lírico?**

Sim, me reconheço. Eu me sinto um poeta lírico. Na verdade, não me sinto muito poeta, me sinto lírico, essa ideia me atrai. E isso vem exatamente da possibilidade da letra musical.

**Os seus poemas pedem música...**

Os parceiros das canções sempre falaram que os meus poemas já vêm com música dentro. Eu mandava um caderno com 10 poemas para o Dominginhos, ele

musicava a letra e não mexia em nada. Uma das coisas que sempre admirei do casamento de letra e música é que não existe essa história de não poder mexer no texto do poeta. O letrista recebe a solicitação para mudar um verso ou algumas palavras para caber na música. Em geral, ninguém acha isso uma invasão. Mas, no texto do poeta impresso, ninguém se mete a mexer. Por isso, eu acho que o letrista e o músico fazem uma outra arte de comunicação.

**Como começou essa história de escrever um poema por dia para colocar no Facebook? Quem te obriga a fazer isso?**

É um prazer, antigamente eu escrevia aqui e acolá. Mas comecei a escrever versinhos para os

amigos todas as quintas-feiras. Então, os dois primeiros livros foram feitos assim. Inaugurei com *Poesia de quinta*. Era um trabalho ligado ao e-mail. Depois, me aposentei, e passei a escrever todos os dias e a publicar os poemas no Facebook.

**Durante muito tempo, o Piauí era alvo de piadas. O que te encanta no Piauí?**

Sim, o Juca Chaves dizia que se você quisesse passar férias, deveria ir à Bahia, mas, se quisesse ir a lugar nenhum, fosse para o Piauí. É o estado mais pobre do Brasil. Não tinha nenhum charme. Vim de lá com 18 anos e, portanto, formado em termos de sensibilidade. Eu passava as férias no interior, por escolha minha, era curtidor de sanfona, de forró, das festas

populares de lá. Isso me dava muita alegria. Eu ouvia, via e participava. Era amigo das pessoas que faziam a cultura popular. Respeitava essas pessoas que, no geral, não eram reconhecidas. Gostava das coisas de lá, da literatura, das histórias que ouvia. Uma das músicas que eu fiz foi *Palha de arroz*, gravada em São Piauí. O que me tocava era a riqueza cultural em um estado tão pobre do ponto de vista econômico e social.

**E de onde vem essa energia serena meio zen do Piauí? O Piauí é meio oriental?**

Eu me sinto meio mineiro nesse sentido, sem mar, recolhido ao interior. Porque todo estado do Piauí é um grande interior. E existem manifestações culturais

maravilhosas tanto no Piauí quanto no interior de Minas Gerais. Eu observo isso na gente do Piauí, uma maneira de ver as coisas sem desespero. Os moradores dos lugarejos tem dramas, amores e dores. Mas você não vê. São invisíveis. Eles têm uma maneira de ver a vida descansada e suave. E chega para os urbanos como uma postura acomodada, que não se revolta com as injustiças sociais. No entanto, não é isso; é uma outra maneira de ver e de viver a vida. Darcy Ribeiro sacou logo que ali há um Brasil pensando, meditando sobre a vida. A praia é um desafogo. O homem que trabalha na roça sabe que há um tempo de plantar e outro de colher.

**Por que Brasília não entrou ou entrou tão pouco em sua poesia? Em que Brasília você mora?**

Brasília não entrou no sentido cultural. O Clodo era mais brasiliense do que eu. O mesmo sonho que eu tinha com o Piauí, ele tinha com Brasília. Não sei, eu realmente, sou uma pessoa doméstica, sou muito retirado, não tenho partidos, militância. Tenho poucos amigos, mas considero que valem por milhares.

**Do que você não gosta em Brasília? Não tem nada de que não goste.**

**E qual é o lugar do Beirute em sua vida?**

Meu negócio era a UnB, vivia o dia inteiro no câmpus, convivía com os professores e os alunos em uma relação muito boa. E, à noite, todos da UnB estavam no Beirute. As pessoas da UnB, do teatro, do cinema, do jornalismo. O Beirute era espaço de atualização da cultura. Nos tempos em que era professor da UnB, levantei o debate de que a Faculdade de Comunicação deveria ser o Beirute universitário, um lugar de convivência e de trocas culturais.

**Você vive recluso e é um habitante do silêncio, mas publica poemas na internet. O que a interação nas redes sociais te proporcionou?**

Novos amigos e parceiros.

**Que lições tirou da experiência de estar com câncer e se curar?**

O medo e a certeza de que a vida é um sopro, como disse Niemeyer. Porque você pode a qualquer momento ter alguma coisa dessa e entrar em processo de fim. Agora, sei porque Darcy Ribeiro fugiu da UTL. E, no meu caso, foi ainda mais difícil porque o Clodo vivia situação semelhante. Aí, você começa a tomar consciência da finitude, começa a conviver com a ideia de que a vida é passageira. Quando Tom Jobim morreu, Milton Nascimento disse: "Se até Tom Jobim morreu, eu também posso morrer". E isso é muito bom. Porque você presta mais atenção nos dias que passam, nas pessoas, em quais são as suas escolhas. Te afasta do social, do dia a dia. Não tenho mais tempo de jogar conversa fora, tenho de me concentrar nas coisas que eu faço, nas conversas boas, no que vale realmente a pena.



**CLIMÉRIO FERREIRA POEMAS REUNIDOS**

Lançamento na terça-feira, às 19h30, no Beirute da 109 Sul

**GURULINO**  
Humor contemplativo & espirituoso  
por Pedro Sangeon

